

ADELLE DE OLIVEIRA: RETALHOS DE SONHOS (1900-1940)

Edna Maria Rangel de Sá Gomes(UFRN)

Filha de João Henrique de Oliveira, homem franzino, estatura mediana e pele muito clara, e de Ana Sobral de Oliveira, moça pequena e muito branca, nasceu a poetisa Adelle Sobral de Oliveira, em Villar, um lugarejo de Ceará Mirim, no Rio Grande do Norte, em 22 de maio de 1884. Teve duas irmãs, Anita e Maria Tereza, a Mariê.

Ainda criança, por volta de 1889, quando tinha, então, cinco anos, foi com os pais e as irmãs para Belém do Pará. Seu pai, de reconhecida natureza nômade, decide ir em busca da riqueza regional, decorrente do ciclo da borracha, divulgada por parentes estabelecidos na citada região. Ali, estudou as primeiras letras, voltando já moça, em 1899, aos quinze anos, para Ceará Mirim, quando seu pai, vitimado por uma das agressivas doenças tropicais, decide que regressarão para o Vale na esperança de cura e de uma vida normal.

Porém, o avançado estágio da doença e seu debilitado estado geral de saúde fazem com que ele venha falecer durante a viagem de navio e seja sepultado, para a tristeza de Ana, mãe de Adelle, nas profundezas do oceano.

Em Ceará-Mirim, órfã, e sem mesmo um corpo para enterrar, sem um túmulo onde rezar e depositar flores, a família é acolhida com carinho no engenho *O Cumbe* e na ampla casa da rua São José, pelos padrinhos de Adelle, Ângelo Varella e Maria Augusta, que tentam suprir todas as suas necessidades, materiais e emocionais.

A morte do pai, a infindável tristeza da mãe, sempre traduzida em orações, lágrimas constantes e isolamento, e as desventuras e decepções da irmã Anita, aproximam Adelle, ainda mais, da religiosidade numa tentativa de superar a dor e parecem ter feito da doce menina uma mulher arredia, silenciosa, reservada, que não queria ser vista. Talvez tenham surgido daí a fala sussurrante, os passos delicados e o adejar com que sua figura é sempre descrita por seus ex-alunos e por quem a conheceu.

Outro detalhe sobre Adelle de Oliveira é que esta se negava irredutivelmente a tirar fotografias, o que explica não encontrarmos nenhuma foto sua durante nossas pesquisas, embora as pessoas sempre a descrevam como uma moça franzina, de cabelos pretos e lisos e belas feições pequenas e delicadas, que andava sempre vestida elegantemente.

Nilo Pereira(1989), dentre muitos outros, fala dessa “indisposição” de Adelle de Oliveira para ser fotografada.

Adele de Oliveira não consentiu em tirar a fotografia em que Gilberto Osório teria fixado o instante emocional: a professora com seus alunos, Edgar Barbosa e eu. Compreendo-lhe o gesto comovedor e tímido: o pudor da mestra que sempre preferiu o seu mundo interior a qualquer espécie de publicidade ou de comunicação. Mas, seu retrato ficou. (p. 26)

Duas afirmações, repetidas por seus ex-alunos, em entrevistas ou nos livros por estes publicados, assim como pelas pessoas de Ceará-Mirim, que a conheceram ou ouviram falar sobre Adelle de Oliveira, nos chamaram a atenção: Ela era, intelectualmente, muito à frente do seu tempo, mas muito tradicional e severa no seu comportamento pessoal. Vestia-se muito elegantemente e ninguém jamais viu os seus joelhos.

Adelle de Oliveira era, ou tornou-se, uma pessoa extremamente discreta e de uma “simplicidade irritante”, como frisa Gumercindo Saraiva em texto publicado na *Tribuna do Norte*, em Natal, datado de 13 de março de 1983, intitulado *Adelle de Oliveira: feminista quase inédita*.

Por volta dos anos de 1960, Adelle de Oliveira organiza seus jornais, manuscritos, cartas, poesias, documentos e até, quem sabe, cartilhas e anotações do externato, e os entrega a sua amiga íntima, Nestorina, com recomendações para que a amiga queimasse tudo após a sua morte. A amiga não cumpre a promessa e, alguns anos após a morte de Adelle, entrega o material ao advogado e escritor Ciro José Tavares, que organiza os poemas e publica em livro.

Se Adelle queria, realmente, que todo esse material fosse destruído, por que não o fez em vida, pessoalmente?

O que mais temos sobre essa mulher? Que foi exímia educadora, que lecionava com o coração, que “se vestiu a moda reinante porque era mulher e amava. Amava naquele amor que cresce na medida em que não se realizava e terminou imenso, multiplicado no interminável tempo dos que sofrem” (TAVARES, 2002, p.14).

Durante a Revolução de 1935, em Natal/RN, um episódio, pouco divulgado, nos surpreende: a prisão de Adelle, em Ceará-Mirim, por se posicionar contra os desmandos do Interventor Mário Câmara em sua cidade.

ADELE DE OLIVEIRA PRESA EM SUA TERRA

Em 1935, Adele de Oliveira, inconformada com os desmandos políticos existentes em Ceará-Mirim, foi presa e levada pelas ruas da cidade, até ao presídio, onde passou quase um dia, juntamente com ladrões, assassinos e marginais, aguardando que um tenente comissionado, por sinal, vindo da Paraíba, ouvisse depoimento forçado, declarações, daquela figura tão querida em sua terra. Contudo, com mais algumas horas, eis que o prefeito, o usineiro Luiz Lopes Varela, mandou libertá-la, para a alegria de todos. Qual o crime praticado pela poetisa? Apenas, certa vez, numa roda de amigos, comentou as arbitrariedades do interventor Mário Câmara, governando o Estado numa fase das mais difíceis em sua política partidária. Lamentamos que este fato não tenha sido registrado para a nossa história, juntamente com o famigerado King-Kong, o terror do “Grande Ponto”, no início da década de 30. (SARAIVA, G. *Tribuna do Norte*, 13/03/1983).

Podemos ainda acrescentar aos dados conhecidos sobre Adelle de Oliveira que ela faleceu no dia 15 de agosto de 1969, aos 85 anos, em Ceará Mirim, sem o menor sofrimento, no momento em que fazia a refeição do meio dia, na tosca mesa da cozinha da modesta casa da Rua Grande, ao lado de sua maior amiga e confidente, Virgínia, a Vigo, filha órfã de escrava que a mãe de Adelle, Ana, ao regressar de Belém, tomou como filha.

Em livros de Nilo Pereira (1989), Edgar Barbosa (1965) e Francisco Montenegro (1965) encontramos várias passagens onde ela é citada como a *professora anjo*, como uma espécie de santa divinizada, como a responsável pela intelectualidade das mais destacadas figuras ceará-mirinenenses de toda a primeira metade do século XX.

Do livro de Montenegro (1965), que nasce da conferência desse autor, intitulada *“Itinerário Sentimental do Ceará-Mirim”*, ocorrida na Academia Pernambucana de Letras, em 30 de abril de 1965, destacamos passagem a seguir.

A última estação é a casa da professora Adelle de Oliveira, professora de Nilo Pereira na escola primária do Ceará-Mirim. Ainda no Recife, muitas vezes, em ocasiões as mais diversas, em Natal, até no avião onde quase não se fala — e não preciso explicar porque —, Nilo Pereira não se cansa de me dizer: você não pode deixar de conhecer Adelle de Oliveira. É mais um anjo do que uma pessoa. O anjo da escola, diz-me ainda Nilo. E é mesmo. Recebe Nilo como uma mãe carinhosa recebe o filho querido. Beija-o com a maior ternura de mãe e se dirige a mim como se fôssemos velhos amigos. Leio-lhe a página 27 da *Evocação do Ceará-Mirim*. Leio de pé. Todos ficam de pé. “Adelle de Oliveira, a primeira professora, guarda a fisionomia translúcida da poetisa que sempre foi. Seus olhos se fixam melhor no passado. Suas mãos adejam como asas. Seus gestos têm oscilações líricas procurando o ponto de apoio na realidade ida e vivida. Ela é todo um poema de transparência e de ternura, como a restituir ao mundo dilacerado e aflito a confiança da bondade humana”.

Adelle de Oliveira — mais um anjo do que uma pessoa — enche de evocação aquela casa que já é em si uma evocação. Fala do passado e faz o passado presente. Ilumina tudo com a força do seu poder evocativo e nos enche de confiança na bondade humana. Em Adelle de Oliveira o lirismo é o sangue que corre em suas veias. A ternura humana enche-lhe o coração todo. Fez de sua vida, a vida dos outros. Quando Nilo fala de seus poemas ou de seus sonetos ela acha que aquilo tudo não vale nada. Na verdade, seu grande poema é a vida. Foi principalmente a vida dos outros que ela viveu. Hoje são muitos que vivem a sua vida. São muitos os discípulos, espalhados por todos os lados, que ainda se sustentam das suas lições, do seu lirismo e da sua ternura. Não há ninguém que tenha tido em criança a alma tratada

por aquelas mãos para não ter levado delas alguma coisa, para não ter se impregnado do seu espírito, para não ter sido tocado pela sua ternura e pela sua bondade [...] Ao deixarmos a casa de Adelle de Oliveira, não sentíamos o chão sob os nossos pés. Estávamos suspensos. Adelle de Oliveira não fôra o anjo das escolas, como Santo Tomás de Aquino, mas o anjo da escola, torna a dizer Nilo Pereira. Adelle de Oliveira é uma flor do Vale – do Vale do Ceará-Mirim. Uma flor que não pode florescer no asfalto. Não é flor da cidade nem da civilização. (MONTENEGRO, 1965, p. 16)

Percebemos, nessa declaração de Montenegro, a figura de uma educadora que se doa, que faz do magistério seu projeto de vida. É o que Norbert Elias (1970) vai chamar de configuração, essa rede de interdependência, que pode ser percebida nos trechos: “Fez de sua vida, a vida dos outros.” e “Foi principalmente a vida dos outros que ela viveu. Hoje são muitos que vivem a sua vida. São muitos os discípulos, espalhados por todos os lados, que ainda se sustentam das suas lições, do seu lirismo e da sua ternura.” (Idem, ibidem).

Ao mesmo tempo em que “vivia a vida dos outros”, criava “discípulos” que passavam a viver, senão a sua vida, mas a partir do seu estilo de vida, através dos ensinamentos que passava e da ideologia que perpassava seu discurso em sala de aula.

Podemos perceber , através desse fragmento, as representações que o aluno Nilo Pereira – e, a partir dele, também o amigo Montenegro – fazia da Escola e da Professora.

Através dessa descrição da professora, feita por um ex-aluno, Nilo Pereira, vislumbramos uma educadora comprometida com a aprendizagem, com o crescimento de seus alunos, com a sensibilidade de crianças que despontavam para o mundo do conhecimento. E, como podemos perceber, passou ensinamentos que permaneceram na mente e nos corações de seus alunos, participando da construção do adulto, que ora retorna, visita a mestra e revive esses ensinamentos.

Utilizamos também, como fonte de pesquisa, as entrevistas com, pelo menos, três ex-alunos de Adele de Oliveira, João Wilson Mendes Melo, Franklin Marinho e Margarida Brandão, e com pessoas que com ela conviveram.

Em uma dessas entrevistas, com o professor João Wilson Mendes Melo, descobrimos que o livro didático utilizado por Adelle de Oliveira, em seu Externato Ângelo Varela, era de um autor chamado Felisberto de Carvalho.

Pesquisando na internet, descobrimos um estudioso de Fortaleza, Ceará, o professor Soares Feitosa, que tem um trabalho de pesquisa sobre os *Livros de Leitura* de Felisberto de Carvalho. Entramos em contato com ele, que nos enviou os cinco exemplares do referido livro de leitura, de Felisberto de Carvalho, escaneados em um CD.

O que me motivou a esse empreendimento de pesquisa na prática pedagógica de Adelle de Oliveira foi, em primeiro lugar, a constatação da

ausência, quase que total, de informações formais sobre a professora, assim como sobre a poetisa e a mulher, Adelle de Oliveira.

Acreditamos que a história das práticas pedagógicas de Adelle de Oliveira está intimamente ligada não só à história da educação no Vale do Ceará Mirim, mas também à institucionalização da instrução pública no mundo moderno, assim como à organização das primeiras instituições escolares do Rio Grande do Norte.

Nosso objetivo foi analisar que mudanças essas instituições trouxeram para as práticas de uma professora que estava habituada a ver a escola como propriedade sua e a agir com total autonomia didática, o que mudava nos processos didáticos e metodológicos da professora, o quanto eles estavam sintonizados, ou não, com as novas propostas e quais eram exatamente essas novas propostas.

Através da leitura e análise dos *Livros de Leitura* de Felisberto de Carvalho, utilizados por Adelle de Oliveira, podemos configurar, não só as práticas pedagógicas de Adele de Oliveira, mas também a educação no interior do Estado do Rio Grande do Norte, nas primeiras décadas do Século XX, percebendo sua modernidade e como a educação no Estado do Rio Grande do Norte estava ligada à educação do Estado de São Paulo, tida como modelo para todo o país.

Desta forma, utilizamos como fonte principal de pesquisa – associada, obviamente, a outras não menos importantes, como jornais, livros, memórias de seus alunos e documentos oficiais – O livro de Felisberto de Carvalho e as informações, fornecidas por alguns ex-alunos de Adelle de Oliveira, sobre as práticas pedagógicas que eram utilizadas no Externato Ângelo Varela. Nessas práticas pedagógicas estão inclusas a organização do espaço físico escolar, a forma como era trabalhada a higiene, tanto do espaço físico como do corpo, a metodologia utilizada por Adelle e pelas outras professoras que lhe auxiliavam, os métodos e os conteúdos, que já vinham especificados no próprio livro de leitura, as relações entre os alunos e entre as professoras e os alunos e a forma como Adelle estendia a educação para além dos muros da escola, buscando ver o cotidiano de seus alunos através de visitas constantes aos pais destes.

Galvão (1996) nos esclarece sobre a importância do alargamento do uso das fontes, da validade de buscarmos, além dos documentos oficiais, as fontes não tradicionais, como os depoimentos pessoais, as entrevistas.

Ao lado da ampliação do campo do historiador, a Nova História alargou, também, o tipo e o uso das fontes. A dilatação do campo do historiador, e do historiador da educação, com o crescente interesse pela investigação da vida cotidiana leva, necessariamente, à busca de novos tipos de fontes, capazes de revelar aspectos das sociedades passadas pouco explorados nos documentos oficiais escritos. Construção do historiador, criação de uma época ou ainda monumento, fonte não mais se restringem aos documentos oficiais escritos, ganhando tanta importância como esses, a fotografia, a pintura, a literatura, a correspondência, os móveis e objetos utilizados, os depoimentos

orais, etc. Qualquer indício de uma época pode ser utilizado como fonte pelo historiador. (GALVÃO, 1996, p. 102).

É nossa pretensão analisar, através da história de Adelle de Oliveira, as concepções de mundo, os valores e o domínio do grupo, ou sociedade, em que ela se achava inserida.

Em um estudo sobre Sinhazinha Wanderley, Pinheiro (1997) nos sugere, como referencial inicial, os estudos de Bourdieu (1989) e afirma:

Este trabalho toma como referencial os estudos de Bourdieu que problematizam objetos de pesquisa considerados menores na aparência, e até mesmo irrisórios, ganhando uma nova dimensão à medida que vão sendo desveladas e estabelecidas conexões com estruturas maiores. Para este autor o que conta é a construção do objeto e que a eficácia de um método de pensar nunca se manifesta tão bem como na sua maneira de construir objetos socialmente insignificantes em objetos científicos. (PINHEIRO, 1997, p. 285).

Pensemos que a idéia de objeto menor não está ligada à figura específica da poetisa, mas a importância que tal personagem tem tido, até os nossos dias, na História da Educação do Rio Grande do Norte.

Citemos o texto de Bourdieu (2006) que discorre sobre a construção do objeto.

O que conta, na realidade, é a construção do objecto, e a eficácia de um método de pensar nunca se manifesta tão bem como na sua capacidade de constituir objectos socialmente insignificantes em objectos científicos ou, o que é mesmo, na sua capacidade de reconstruir cientificamente os grandes objectos socialmente importantes, apreendendo-os de u modo imprevisto. (BOURDIEU, 2006, p. 20).

Trazemos a professora do Vale do Ceará Mirim, com suas práticas, sua história, seus costumes, suas representações, seus alunos e sua poesia para a discussão no cenário histórico, uma vez que, atualmente, cresce “um desejo de inverter as perspectivas historiográficas tradicionais, e mostrar a presença real das mulheres na história mais cotidiana” (PERROT, 1988, p. 171).

Em Norbert Elias (1970), procuramos buscar o conceito de configuração, isto é, as diferentes maneiras como são construídas as interdependências e tensões que unem e opõem as pessoas. Temos aqui o papel de Adelle de Oliveira que, ao mesmo tempo em que configura uma época, configura também a história da participação feminina na educação e formação da sociedade letrada do Vale do Ceará Mirim, na primeira metade do século XX.

Esse conceito de configuração de Norbert Elias passa pela construção social global, em constante transformação, na qual estão inseridas as pessoas,

suas ações e os elos de interdependências, seja de aliados ou de adversários, que as unem. Daí não existir sociedade sem indivíduos e nem indivíduos isolado da sociedade.

Partindo desses referenciais teóricos, e de outros que surgiram no trilhar dos caminhos da pesquisa, buscamos reconstruir um passado histórico – a história da educação no Vale do Ceará Mirim na primeira metade do século XX – e um passado individual – A biografia de Adelle de Oliveira – através da análise das práticas pedagógicas dessa professora.

Em nossa pesquisa tencionamos proceder a um estudo que visa configurar os dados bibliográficos de Adelle de Oliveira, buscando ver a sua formação, suas práticas pedagógicas e sua contribuição na construção da sociedade letrada do Rio Grande do Norte, na primeira metade do século XX.

Buscamos, ainda, configurar a educadora e a poetisa, com vistas a recuperar a história de vida de Adelle de Oliveira através da construção de sua biografia, buscando ver a sua formação pedagógica e poética; pesquisar e analisar as práticas pedagógicas utilizadas por essa professora em escolas, ou grupos escolares, e no Externato Ângelo Varela; investigar as motivações da professora, que cria e mantém um externato para meninos e meninas nas primeiras décadas do século XX; comparar a trajetória de Adelle de Oliveira, como educadora, poetisa e mulher, com a trajetória de outras professoras já estudadas por pesquisadores da já citada base de pesquisa; observar a influência de Adelle de Oliveira na educação de moças e rapazes do Vale do Ceará-Mirim; identificar o alcance e a repercussão do jornal manuscrito, *O sonho*, criado e dirigido pela poetisa.

Pesquisamos e coletamos documentos e papéis, em jornais e revistas da primeira metade do século XX e analisamos poemas e partes do jornal *O Sonho*, cedidos gentilmente pelo advogado e escritor Ciro Tavares, filho de Juracy Tavares de Oliveira, que era filha de Maria Anita de Oliveira, irmã de Adelle.

Tomamos como fontes de pesquisa os cinco Livros de Leitura de Felisberto de Carvalho, utilizados por Adelle de Oliveira em seu externato, entrevistas com ex-alunos, pesquisas nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em jornais de circulação na época, no Arquivo Público do Rio Grande do Norte, principalmente em documentos do Departamento de Educação, leis e decretos do governo, mensagens dos governadores, além de pesquisas no Jornal manuscrito *O Sonho*, criado e dirigido por Adelle de Oliveira, e no Arquivo Público de Ceará-Mirim, com intuito de entender a difusão e modernização da instrução primária no interior do nosso estado. Os resultados da pesquisa demonstram que Adelle de Oliveira utilizava os chamados métodos modernos de educação, abolindo práticas como castigos físicos, aprendizagens mecânicas e decorativas, e utilizando-se de práticas modernas, como metodologias concretas e processos dinâmicos através da utilização de métodos de caráter prático e experimental para o ensino das disciplinas.

REFERÊNCIAS.

BARBOSA, Edgar. **Imagens do Tempo**. Natal: Imprensa Universitária, 1966.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. Introdução a uma sociologia crítica. In _____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 9 ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: Difel, 2006.

_____, **Coisas Ditas** .Trad. Cássia R. da Silveira e Denise M. Pegorim; Rev. Paula Monteiro. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CARVALHO, F. **Primeiro livro de leitura**. 119 ed., Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo & Cia., 1934.

_____. **Segundo livro de leitura**. 90 ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo & Cia., 1934.

_____. **Terceiro livro de leitura**. 63 ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo & Cia., 1932.

_____. **Quarto livro de leitura**. 36 ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.

_____. **Quinto livro de leitura**. 22 ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

_____, **A sociedade de corte**. Trad. Ana Maria Alves, Lisboa: Editorial Estampa, 1986.

_____, **O processo Civilizador**. Uma história de costumes. Trad. por Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira, Problematizando fontes em História da Educação. In: **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 21, jul/dez. 1996.

MONTENEGRO, Francisco. **Itinerário sentimental do Ceará-Mirim**. Recife: Imprensa Oficial, Coleção concórdia, 1965.

PEREIRA, Nilo. **Imagens do Ceará-Mirim**. 3 ed, Natal: Fundação José Augusto, 1989.

_____. **Lembrança de Edgar Barbosa**. Natal; Editora universitária, Coleção Mossoroense, c. 74, 1978, no XXX da Batalha da Cultura.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TAVARES, Ciro José. Org. **Álbum de versos antigos**. Patrocínio do Armazém Pará, utilizando os benefícios da Lei Câmara Cascudo, n 1/2 7.799/99, Natal/Rn, 2002.